

Alycia



Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO

Centro de Ciências Humanas - CCH

Escola de Educação

Faculdade de Pedagogia

**EDUCAÇÃO INTEGRAL & ANARQUISMO
CONCEPÇÕES E PRÁTICAS**

DANIELLE AMARAL DA SILVA

Matrícula: 20012351002

RIO DE JANEIRO

Dezembro/ 2006

**-EDUCAÇÃO INTEGRAL & ANARQUISMO-
CONCEPÇÕES E PRÁTICAS**

DANIELLE AMARAL DA SILVA

Matrícula: 20012351002

Monografia submetida ao corpo docente da Faculdade de Graduação em Pedagogia da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO, como parte dos requisitos necessários à conclusão do curso.

RIO DE JANEIRO

Dezembro/ 2006

“No momento em que educamos para a liberdade e a igualdade, no seio de uma sociedade de exploração e desigualdade, já estamos realmente fazendo a revolução: estamos começando a mudar as consciências, estamos ajudando a ver o mundo de maneiras diferentes”.

Silvio Gallo.

AGRADECIMENTOS

A todos que estavam presentes durante esta caminhada e me deram apoio.

Em especial, à minha família pelo incentivo, aos meus amigos pelo companheirismo e a todos os professores pela orientação que foi de grande importância para a conclusão deste trabalho.

RESUMO

A escola tradicional burguesa no século XIX promovia um ensino diferenciado, perpetuando privilégios e vantagens para uma minoria, reproduzindo a estrutura da sociedade de dominação e exploração. Contra este modelo, os anarquistas surgem com as idéias de educação integral, buscando a igualdade entre todos os indivíduos, pois acreditavam que todos tinham o direito de desenvolver suas potencialidades.

Neste trabalho, serão abordadas essas idéias sobre educação e práticas educativas anarquistas, bem como sua implementação em instituições como o Orfanato de Cempuis de Paul Robin, a Escola Moderna de Ferrer i Guardiá, a Escola da Ponte e a Escola Lumiar.

Palavras-chaves: Anarquismo, Educação integral.

SUMÁRIO

I. Introdução.....	01
II. Anarquismo: Idéias sobre educação e práticas educativas	03
II.1 Anarquismo, homem e liberdade.....	03
II.2 Educação anarquista, educação libertária	07
III. Escola da Ponte, Escola Lumiar: experiências anarquistas?	23
III.1 Escola da Ponte	24
III.2 Escola Lumiar	30
IV. Considerações Finais	38
V. Referências Bibliográficas	43

INTRODUÇÃO - POR QUE EDUCAÇÃO INTEGRAL?

Este trabalho foi pensado a partir da minha inclusão na disciplina optativa *Educação Integral em Tempo Integral*, e foi concretizado com outra disciplina, também optativa: *Educação Libertária e Libertadora*. A frequência a essas disciplinas optativas me abriu os olhos para um campo de estudo até então pouco conhecido, e que me intrigou. Este o motivo para a escolha do tema – a Educação Integral. O objetivo do estudo que aqui apresento é o de discutir e sintetizar propostas de Educação Integral e as influências do movimento anarquista nesta concepção pedagógica.

Para alcançarmos o objetivo proposto, pretendemos responder as seguintes questões: O que é educação integral? Há concepções diferentes de educação integral? Que práticas essa educação implementou?

Partindo, em termos de metodologia, de uma pesquisa bibliográfica e teórica, pretendemos responder essas questões em dois capítulos do estudo.

No primeiro capítulo, serão expostas idéias sobre educação e práticas educativas anarquistas, como o Orfanato de Cempuis, dirigido por mais de dez anos por Paul Robin e a Escola Moderna de Ferrer i Guardia. Abordarei também o princípio da liberdade e a concepção de homem como produto social para Bakunin e outros anarquistas.

A liberdade para os pensadores e educadores anarquistas, além de um produto social, é também um produto coletivo, tendo em vista que ser livre implica que o outro me aceite como tal. E para que a liberdade seja alcançada é fundamental que o ser humano a deseje. Quando a minha liberdade é sustentada na opressão, ela não é real. Só há liberdade quando todos são livres, quando não existe opressor nem oprimido.

Os anarquistas eram contra a escola tradicional burguesa, uma vez que ela perpetuava privilégios e vantagens para uns em detrimento da maioria. A escola burguesa serve ao capitalismo e por isso reproduz a estrutura da sociedade de dominação e exploração, ensinando aos seus alunos a ocuparem seus lugares sociais pré-determinados.

A Educação Integral baseia-se na idéia de igualdade entre os indivíduos, tendo como pressuposto que todos têm o direito de desenvolver suas potencialidades. E se a sociedade não permite que todos possam se desenvolver plenamente, cabe à Educação Integral transformá-la.

Os educadores e pensadores anarquistas tinham como concepção que a sociedade não permitia que todos pudessem desenvolver suas potencialidades, e por isso se fazia necessário uma transformação. A educação passa a ser então fundamental para a renovação social, mas não é o único caminho.

A proposta de educação Integral anarquista tinha o intuito de desenvolver o ser humano nos aspectos: físico, intelectual e moral. E para isso propunham o acesso ao conhecimento sem a tradicional divisão entre trabalho manual e trabalho intelectual, eram contra o modelo de divisão social do trabalho. Acreditavam na integração entre conhecimento teórico e prático, unindo razão e ciência, pois só estes caminhos poderiam conduzir a verdade.

As escolas anarquistas surgiram com princípios como: co-educação de sexos e de classes sociais, ensino racional e integral e apontavam para uma educação livre de dogmas, de preconceitos e antiautoritária, onde o essencial era o respeito à liberdade. A liberdade deveria ser conquistada, e para isso a criança deveria ser instruída no sentido de construir e conquistar a liberdade. Estes e outros pontos eu pretendo abordar, com mais profundidade, no capítulo 1.

No segundo capítulo, falarei de escolas que nos reportam à concepção de educação nos moldes anarquistas, como por exemplo a Escola da Ponte, em Portugal, e a Escola Lumiar, no Brasil.

CAPÍTULO 1 – ANARQUISMO: IDÉIAS SOBRE EDUCAÇÃO E PRÁTICAS EDUCATIVAS

1.1. Anarquismo, homem e liberdade.

Os anarquistas diferem dos socialistas, ^{→ marxistas} que pregavam a revolução política, porque para eles a revolução política não seria capaz de atender as necessidades do povo, já que esta, como queriam os socialistas autoritários, só promoveria a inversão do poder, não a sua extinção.

Os socialistas [?] burgueses [?] queriam que houvesse mais ensino para o povo, mas de maneira que a classe dominante fosse mantida no poder. Enquanto os democratas, como Bakunin, pedem educação integral, abolição definitiva e completa das classes, unificação da sociedade, igualdade econômica e social.

Para os anarquistas, em geral, a educação privilegiava os burgueses, ou seja, quanto maior o nível econômico, maior a qualidade de ensino. E com isso, os que detêm o poder acabam dominando os que têm menos conhecimento. Enquanto houver dois ou mais tipos de ensino para as diferentes camadas da sociedade, haverá necessariamente diferentes classes, isto é, privilégios econômicos e políticos para um pequeno número de contemplados e escravidão e miséria para a maioria. Aquele que sabe mais naturalmente dominará o que sabe menos.

De acordo com Moriyón (1989), no século XIX, a ignorância é denunciada como alimento da escravidão e a razão é o guia que conduzirá os seres humanos a libertarem-se da opressão e da exploração impostas pelo obscurantismo e egoísmo dos privilegiados. Nesse sentido, a razão era um instrumento essencial para combater o dogmatismo e a ignorância, pois possibilita ao ser humano a capacidade de analisar os diferentes aspectos da realidade, permitindo assim que ele supere a opressão que o cerca.

Os anarquistas fazem sérias críticas ao sistema educacional tradicional, oferecido pelo capitalismo, tanto da educação estatal quanto das instituições privadas, que geralmente eram financiadas e geridas por ordens religiosas. Principalmente a respeito do caráter ideológico da educação, conforme Gallo (1996):

(...) procuram mostrar que as escolas dedicam-se a *reproduzir* a estrutura da sociedade de exploração e dominação, ensinando os alunos a ocuparem seus lugares sociais pré-determinados. A educação assumia, assim, uma importância política bastante grande, embora ela se encontrasse devidamente mascarada sob uma aparente e propalada neutralidade.

A filosofia política de tradição burguesa trabalha no caso das desigualdades sociais com a categoria de um "estado natural", tendo como base que todos os homens são naturalmente diferentes, e as diferentes condições sociais são extensões destas diferenças naturais. Sendo assim, o sucesso ou o fracasso, o domínio ou não do saber, a riqueza ou a miséria são simplesmente o fruto do trabalho de cada homem, trabalho este que se processa de acordo com as características e "aptidões naturais" deste homem.

Por isso, a sociedade será desigual, pois os homens são desiguais: um é rico porque teve aptidão suficiente para aproveitar as oportunidades que lhe apareceram; outro é um miserável operário porque suas características naturais assim o determinaram. A sociedade e a cultura são um simples reflexo da natureza.

Bakunin insurge-se contra essas afirmações. Para ele, o homem é um produto social e não natural. É a sociedade que molda os homens, segundo suas necessidades, através da educação. E se a sociedade é desigual, os homens serão todos diferentes e viverão na desigualdade e na injustiça, não por um problema de aptidões, mas mais propriamente por uma questão de oportunidade. Enquanto houver herança, a carreira das crianças é o resultado do estado de fortuna e riqueza de suas famílias, antes mesmo de suas capacidades e de sua energia individual.

De acordo com Gallo (1995), não podemos mudar a "natureza humana", mas podemos mudar aquilo que o homem faz dela na sociedade: se a desigualdade é natural, estamos presos a ela; Bakunin procura mostrar que o homem é determinado socialmente, e por ser social, podemos transformar a sociedade, proporcionando uma vida mais justa para todos os seus membros.

Na sociedade atual não se pode falar em direitos individuais, fundados em capacidades individuais, uma vez que as capacidades reais dos indivíduos só poderão realizar seu pleno desenvolvimento em plena igualdade. É fundamental que todos os privilégios individuais, tanto econômicos quanto políticos desapareçam e que as classes sociais sejam abolidas. O Anarquismo critica a sociedade capitalista, estadista e religiosa, e propõe como prática uma sociabilidade libertária e igualitária que enfrenta e nega os preconceitos sexuais, de classe e religiosos.

A educação classista estava organizada num sistema dual, oferecia uma educação científica para a burguesia e uma educação profissional para os filhos do povo. Aos primeiros, o ensino das ciências, das artes e, conseqüentemente, o poder intelectual da época, que lhes garantia a função de dirigentes. Aos segundos, a aprendizagem parcial referente ao ofício, cuja demanda decorrente da divisão social do trabalho, formava a grande massa de mão-de-obra fabril, apta para o trabalho braçal e para a submissão. A Ciência e as Artes exerciam influência sob uma pequena camada, excluindo a maioria. Desta forma, aumentava o abismo que separa a inteligência popular das classes privilegiadas.

A única maneira de eliminar essa relação de desigualdade é restabelecer a força social da coletividade. Entretanto, para que isso aconteça é fundamental que antes de lutar pela liberdade, o ser humano realmente a deseje. Para a filosofia política anarquista em geral a sociedade não é resultado de um contrato que reduz a liberdade dos indivíduos com seu consentimento, mas sim de um processo constante de produção coletiva de cultura e humanização.

Para Bakunin a liberdade além de ser um produto social é também um produto coletivo. Ser livre implica em ser reconhecido pelos outros como tal, e em meio há homens livres, porque uma liberdade que se sustenta na opressão do outro não é verdadeira. Nas palavras de Bakunin (1996):

(...) só sou verdadeiramente livre quando todos os seres humanos que me cercam, homens e mulheres, são igualmente livres [...] Minha liberdade

peçoal, assim confirmada pela liberdade de todos, se estende ao infinito (Bakunin, apud Gallo, p.17).

A liberdade só pode ser real a partir do momento em que existam condições reais para o desenvolvimento de todos os homens, pois ela é o pleno desenvolvimento das faculdades existentes no homem e não a independência absoluta da vontade de cada um.

Ela só poderia ser realizada, portanto, a partir da destruição da estruturas de exploração e dominação da sociedade capitalista, que impõem o desenvolvimento intelectual, econômico e político para a burguesia e a miséria e o embrutecimento para as massas proletárias.

A liberdade para Bakunin só pode ocorrer com uma transformação em todos os níveis da sociedade. Não adianta uma transformação política sem econômica. Também não adianta uma transformação econômica e não política, pois manter o Estado seria recriar as condições de exploração econômica e manter a divisão de classes.

Para os anarquistas a sociedade capitalista não permite que haja homens livres, uma vez que baseia-se na exploração, na desigualdade, em manter uma parte da população em condições subumanas, para que a outra parcela possa se beneficiar. Todavia nem a parcela dominante pode ser considerada livre, pois não se realiza como ser humano, já que esta concepção de homem calcada na exploração é anti-social e anti-humana.

Portanto nem o explorador nem o explorado são livres. O projeto socialista anarquista vai trabalhar na continua luta pela conquista da liberdade, pois quanto mais livre o homem, mais ele realiza a sua condição humana.

Como nos afirma Gallo (2002): Educar é, então, dar condições a cada pessoa para que ela se descubra, enquanto indivíduo livre e enquanto ser social, é dar condições para que ela possa perceber e realizar, na justa medida, a dialética do *indivíduo social*, a sua liberdade na liberdade do outro. (p.20).

Os anarquistas tinham como ideal que uma sociedade de homens livres não pode ter seus alicerces fundados no fortalecimento da autoridade que separa dirigentes e dirigidos, governantes e governados. Acreditavam que a tomada de poder só consolidaria uma nova

classe dirigente. Por isso eram contra uma revolução política e econômica, já que ela não acabaria com a desigualdade. Eram a favor de uma revolução que fosse também intelectual.

Para a filosofia anarquista conhecimento é equivalente a poder, e a educação é o meio de igualar o saber entre explorados e exploradores. Por isso, se a educação é justa o conhecimento deixa de ser um fator de dominação, portanto esses saberes podem ser utilizados para a superação da dominação.

A educação anarquista tem como objetivo ensinar a liberdade, desestruturar a ideologia social dominante, para que cada indivíduo possa pensar e agir a sua maneira, que cada um possa criar a sua própria ideologia, que possa assumir a sua singularidade, mas sem jamais se fechar a amplitude do meio social.

1.2. Educação anarquista, educação libertária.

Segundo Moriyón (1989), entre os movimentos socialistas, os anarquistas são os que mais se aproximam e se apropriam da trilogia da liberdade, igualdade e fraternidade. A educação é tida como fundamental para a revolução social anarquista, pois os adeptos do Anarquismo acreditavam no poder transformador do processo educacional.

O fundamento da educação libertária é o conceito de Educação Integral. Paul Robin, um dos mais conceituados educadores anarquistas, nos afirma que:

A idéia moderna - de educação integral - nasceu do sentimento profundo de igualdade e do direito que cada homem tem, quaisquer que sejam as circunstâncias de seu nascimento, de desenvolver, da forma mais completa possível, todas as faculdades físicas e intelectuais. (Robin, apud Moriyón, 1989, p.88).

A Educação Integral baseia-se na idéia de igualdade entre os indivíduos, tendo como pressuposto que todos têm o direito de desenvolver suas potencialidades. E se a sociedade

não permite que todos possam se desenvolver plenamente, cabe à Educação Integral transformá-la.

Com a implantação da Educação Integral, Paul Robin acreditava que seria aberto um caminho para a construção de um novo tipo de sociedade, uma vez que este tipo de educação possibilitaria a formação de um homem completo, que teria acesso a todos os conhecimentos humanos, a promoção de um ensino tanto das faculdades intelectuais quanto das físicas.

Robin, além da Educação Integral, defendia um ensino antidogmático, laico, racionalista e sem qualquer tipo de hierarquias, ou seja, um ensino calcado nos próprios princípios anarquistas de antiautoritarismo. Valorizava o trabalho, pois considerava o ser humano sob duas concepções: como um ser individual, independente, completo por si só e também como membro de uma coletividade, e como tal, tinha como obrigação contribuir com seu trabalho para toda a coletividade.

Para Paul Robin, o ser humano devia se pautar nos conhecimentos científicos, pois acreditava na ciência e no seu poder explicativo, propondo a divulgação, sem fronteiras do conhecimento científico, já que para ele só uma ordem social fundada na ciência pode atingir a justiça.

A proposta educacional de Robin engloba três aspectos: a dimensão física, a dimensão intelectual e a dimensão moral. Para ele, devemos educar favorecendo o desenvolvimento completo e coerente do indivíduo, aprimorando seus conhecimentos físicos, intelectuais, manuais e profissionais.

Deveria haver um momento reservado para um conhecimento mais profundo e específico de algumas profissões, com o intuito de que o aluno pudesse escolher bem o tipo de trabalho ao qual dedicaria sua existência.

Robin também tinha uma proposta para a Educação Infantil. Para ele, na primeira fase dessa educação, deveria ser enfatizada a individualidade da criança e sua espontaneidade própria, onde os acúmulos de conhecimentos ocorreriam naturalmente, até que houvesse uma gama de conhecimentos para serem sistematizados e organizados, e para tal trabalhava com a curiosidade natural da criança, estimulando-a. Assim, a primeira divisão que se deve determinar na educação integral é o *saber* e o *fazer*.

Resumo

Os anarquistas, influenciados pelas teses positivistas, defendiam um sistema de ensino que partisse da inquietação natural das crianças, de maneira que estimulasse essa curiosidade, ao invés de ditar e passar lições que não estimulam o raciocínio. Robin recomendava:

(...) deixe que a criança faça ela mesma suas descobertas, espere suas perguntas, responda a elas sobriamente, para que seu espírito continue seus próprios esforços, não imponha de modo algum idéias feitas, vulgares, transmitidas pela rotina irreflexiva e embrutecedora. (Robin, apud Dommanget, op. cit, p.364).

Propunha também uma educação literária, além da educação por meio dos sentidos, onde deveria se efetivar por quatro caminhos: ouvir, ler, falar e escrever. Tinha como proposta também: a educação intelectual, que tinha como diretrizes a razão, memória e imaginação. Questionava o ensino verbalista, baseado na memorização, pois duvidava da sua eficácia. Como afirma:

(...) os professores dão aulas, os alunos escutam mais ou menos e retêm o que conseguem; às vezes tem que escrever o que foi dito, copiar suas notas sem entendê-las; nunca lhes dizem leiam este livro, assimilem as idéias contem-no oralmente. O mal mais além ainda, tem que se retroceder para encontrar a origem, até o próprio ensino das primeiras noções de leitura. (Robin, apud Moriyón, 1989, p.103).

Por isso, Robin propôs um ensino integral e racional, integrando o conhecimento teórico e prático, através de sólidas noções, mesmo que muito elementares de todas as ciências e de todas as artes. Além do ensino verbalista, criticava o ensino religioso:

(...) Só aqueles que partem do velho princípio teológico podem classificar os homens em duas castas: os que trabalham e os que se divertem, os que

obedecem e os que mandam. A justiça não pode legitimar a desigualdade.
(Robin, apud Moriyón, 1989, p.89).

Acreditava em uma educação laica, por isso que a Educação Integral deveria unir razão e ciência, pois só estes caminhos poderiam conduzir a verdade. As injustiças devem ser combatidas, eis que a desigualdade causa um transtorno social.

A experiência realizada por Robin, no orfanato de Cempuis, na França, entre 1880 e 1894, tinha como objetivo dar uma formação integral às crianças nos domínios psíquico, físico e mental. A co-educação e a relação de liberdade e de igualdade entre meninos e meninas eram praticadas.

O orfanato de Cempuis tinha a intenção de reorientar a educação e a pedagogia, fazendo com que as crianças vivessem o espaço-tempo da escola num clima de liberdade, de criatividade e de espontaneidade. Desde a infância até a adolescência, havia três pilares como base de formação: a educação física, intelectual e moral.

Na educação física, o corpo era sujeito e objeto de uma aprendizagem baseada em conhecimentos naturais e espontâneos e eram conjugados com jogos lúdicos. Já a educação intelectual estava intimamente relacionada com a vida quotidiana dos alunos e professores, evitando-se o abuso de um ensino livresco e escolástico.

No plano da educação moral estimulava-se, no aluno, a defesa de valores que se orientavam por princípios humanistas, procurando-se inculcar no espírito das crianças o sentido lógico da liberdade e da fraternidade entre os indivíduos.

A Pedagogia libertária tem como eixo central: a razão, como um instrumento para combater a ignorância e o dogmatismo religioso. A Educação Integral pretende educar o homem sem separar o trabalho manual do trabalho intelectual, pretende desenvolver as faculdades intelectuais, mas também desenvolver as faculdades físicas, harmonizando-as. E, além disso, pretende ainda trabalhar uma educação moral, uma formação para a vida social, uma educação para a vivência da liberdade individual em meio à liberdade de todos, da liberdade social.

A igualdade entre os indivíduos é o alicerce da Educação Integral, uma vez que para os libertários, todos têm o direito de desenvolver suas potencialidades. E a partir do momento que a sociedade não permite, que isso ocorra, é necessário que haja uma transformação. Essa transformação passará, não como único caminho, mas necessariamente pela Educação;

Para Robin e outros intelectuais da Pedagogia libertaria, quando o homem tem o poder de aplicar a racionalidade, ele se aproxima do conhecimento científico, que era considerado o único capaz de desvendar a verdade. Por isso, esse homem dificilmente seria oprimido ou ludibriado.

A Educação integral promove o desenvolvimento de todas as potencialidades humanas. Por conseguinte, diminuiria os empecilhos para o progresso humano, já que todos teriam uma base ampla de conhecimentos. Como afirma Robin:

Se a educação de cada homem tivesse por base não por uma porção restrita dos conhecimentos humanos, mas a sua totalidade, veríamos desapareceras funestas divergências sobre os grandes problemas de princípio, que atrasam de forma considerável o progresso da humanidade. (Robin, apud Moriyón, 1989, p.90).

Os anarquistas organizaram uma proposta de educação para o desenvolvimento completo do homem, ou seja, físico, intelectual e moral. Para tanto, propuseram o acesso ao conhecimento sem a tradicional separação entre trabalho manual e intelectual, entre saberes do ofício e conhecimento científico, contrapondo-se ao modelo de divisão social do trabalho. Portanto, ao mesmo tempo era ensino integral e racional, integrando o conhecimento teórico e prático.

A educação integral para os anarquistas deveria ser composta em duas partes: a parte geral e a parte específica. A primeira possibilitaria o acesso a ciência como um todo e a segunda o contato com as especificidades dos diferentes conteúdos científicos. Assim, a intenção era oferecer à criança uma base de conhecimentos tão ampla, que lhe permitisse, mais tarde, uma opção consciente quando da escolha da profissão fundamentada nas

ciências, como forma de escapar do dogmatismo religioso da época. Para Bakunin: "(...) o trabalho é a condição suprema da felicidade humana e da humana dignidade" (Bakunin, apud Moriyón, 1989, p.45).

Apesar de duramente atingidos pela exploração burguesa e pelas limitações impostas pelo analfabetismo, os trabalhadores ligados ao movimento anarco-sindicalista, ao mesmo tempo em que lutavam para melhorar suas condições de vida, adquiriam uma cultura de base muito superior à dos demais trabalhadores.

Evidentemente, a criação pelo movimento anarquista de várias escolas de alfabetização para as crianças e de artes e ofícios para os adultos, vinculava-se diretamente ao fortalecimento das capacidades de luta dos trabalhadores.

Bakunin reconhece na educação a função de formar as pessoas de acordo com as necessidades sociais. E é isso que ele ataca na educação trabalhada pelo sistema capitalista, cujo objetivo é perpetuar a sociedade de exploração: ela ensina os burgueses a explorar, dominando todos os conhecimentos disponíveis e não vendo outro modo de vida; e ensina as massas proletárias a permanecerem dóceis à exploração, não se rebelando contra o sistema social injusto.

A escola passa então por uma instituição perversa, um aparelho de tortura que mutila alguns membros para moldar o homem segundo seus injustos propósitos. A educação capitalista não forma um homem completo, mas um ser parcial. Mas nem por isso ele deixa de reconhecer que a educação também pode ser trabalhada de outra maneira, perseguindo um objetivo oposto ao da educação capitalista:

Será preciso, pois, eliminar da sociedade toda a educação e abolir todas as escolas? Não, de modo algum; é preciso dispensar a mãos cheias a educação nas massas, e transformar todas as igrejas, todos estes templos dedicados a glória de Deus e à submissão dos homens, em outras tantas escolas de emancipação humana. Mas, antes de tudo, entendamo-nos: as escolas propriamente ditas, em uma sociedade normal, fundada sobre a igualdade e o respeito à liberdade humana, deverão existir apenas para as crianças, não para os adultos; e para que se convertam em escolas de

emancipação e não de submissão, terão que eliminar toda essa ficção de Deus, o eterno e absoluto escravizador, e deverá fundamentar toda a educação das crianças e a instrução no desenvolvimento científico da razão, e não sobre a fé; sobre o desenvolvimento da dignidade e da independência pessoais, e não o da piedade e da obediência; sobre o culto à verdade e à justiça, e antes de tudo sobre o respeito humano, que deve substituir em tudo e por tudo o culto divino. (Bakunin, 1979a, p.74-75, nota de rodapé).

Bakunin tinha consciência de que a realização de uma educação com estas características não é, entretanto, imediata e nem um pouco tranqüila. Por um lado, com toda certeza a reação da sociedade capitalista a tal projeto pedagógico seria radical: tentaria ao máximo resguardar-se, não permitindo que tal sistema educacional pudesse formar pessoas conscientes e críticas, livres e justas, que não poderiam ser cooptadas pela sociedade de exploração.

Princípios como co-educação dos sexos e de classes sociais, ensino racional e integral apontavam para uma educação livre de dogmas, de preconceitos cuja essência era o respeito à liberdade. Verifica-se assim que a educação anarquista foi importante não apenas para a "instituição escola" e para o seu fazer pedagógico, mas também para a própria Pedagogia, que incorporou muitos de seus princípios.

Para Bakunin (1980), a liberdade é conquistada socialmente, e para tal a criança precisa ser educada, dirigida no sentido da construção e conquista da liberdade:

Ao reagir sobre si mesmo e sobre o meio social de que é, como acabo de dizer, o produto imediato, o homem, não o esqueçamos nunca, não faz outra coisa do que obedecer, todavia a estas leis naturais que lhe são próprias e que operam nele com uma implacável e irresistível fatalidade. Último produto da natureza sobre a terra, o homem continua, por assim dizer, por seu desenvolvimento individual e social, a obra, a criação, o movimento e a vida. Seus pensamentos e seus atos mais inteligentes e mais abstratos e, como tais, os mais distantes do que se chama

comumente de natureza, não são mais do que criações ou manifestações novas. Frente a esta natureza universal, o homem não pode ter nenhuma relação exterior nem de escravidão nem de luta, porque leva em si esta natureza e não é nada fora dela. Mas ao identificar suas leis, ao identificar-se de certo modo com elas, ao transformá-las por um procedimento psicológico, próprio de seu cérebro, em idéias e em convicções humanas, se emancipa do triplice jugo que lhe impõem primeiro a natureza exterior, depois sua própria natureza individual e, por fim, a sociedade de que é produto. (p.74-75).

Bakunin não toma a liberdade como um meio, isto é, ele não crê que ela seja uma característica natural do indivíduo – como acreditava Rousseau – para ele a liberdade deve ser conquistada e construída socialmente, a educação não pode partir dela, mas deve chegar a ela. Segundo Gallo (1996) a pedagogia anarquista deve partir do princípio de autoridade, uma vez que a escola não pode ser um espaço de liberdade em meio à coerção social; sua ação seria inócua, pois os efeitos da relação do indivíduo com a demais instancias sociais seria muito mais forte.

Com o princípio de autoridade a escola não tem a intenção de se afastar da sociedade, mas inserir se nela. A pedagogia anarquista toma a autoridade não como absoluta, mas com a necessidade de superá-la. Haja vista que a construção coletiva de liberdade é um processo de desconstrução de autoridade. Não há uma educação neutra, isenta de valores, por isso trata-se de educar um homem comprometido com a construção de uma nova sociedade. Então:

Toda a educação racional, nada mais é, no fundo, que a imolação progressiva da autoridade em proveito da liberdade, onde esta educação tem como objetivo final formar homens livres, cheios de respeito e de amor pela liberdade alheia. Assim o primeiro dia da vida escolar (...) deve ser o de maior autoridade e de uma ausência quase total de liberdade; mas seu último dia deve ser o de maior liberdade e de abolição

absoluta de qualquer vestígio de princípio animal ou divino de autoridade. (Bakunin, 2003, p.47).

A liberdade deve ser conquistada e construída progressivamente, de maneira coletiva. Segundo Gallo (1995), uma educação libertadora é então uma educação em que no próprio processo pedagógico os alunos e os professores são iniciados num gradativo processo de convivência livre e autêntica. Mas, para que uma pessoa possa construir e assumir sua liberdade, é necessário que ela se conheça *por inteiro*: se descubra como um corpo, como uma consciência, como um ser social, todas essas características plenamente integradas e articuladas. (p.79).

Como o socialismo libertário vê no homem alienado um dos pilares da sociedade de exploração, a educação deve ser um instrumento para a superação dessa alienação. A educação integral é o caminho para esta superação, e um passo na transformação desta sociedade, pois pretende educar ao homem sem separar o trabalho manual do trabalho intelectual, pretende desenvolver as faculdades intelectuais, mas também desenvolver as faculdades físicas, harmonizando-as. E, além disso, pretende ainda trabalhar uma educação moral, uma formação para a vida social, uma educação para a vivência da liberdade individual em meio à liberdade de todos, da liberdade social. Para os coletivistas, a liberdade do indivíduo é um produto coletivo, e, assim, só pode existir na sociedade e pela revolução da sociedade. É a possibilidade real de desenvolvimento de todas as potencialidades humanas, sendo elas materiais, morais e intelectuais.

Revolução social como forma de acabar com a exploração do homem pelo homem através da implantação de uma outra organização sócio-produtiva, capaz de possibilitar à todos a realização plena no trabalho cooperativo, solidário e autogestionário.

E como a educação não se processa apenas na instituição escola, mas na sociedade como um todo, uma escola revolucionária não lograria alcançar plenamente seus objetivos em uma sociedade reacionária. Aqui vem à luz a dialética social de Bakunin: uma nova educação, somente, não constrói a nova sociedade, e nem a nova sociedade é possível sem um novo homem, em cuja formação é de extrema importância uma nova escola. No entanto, fundar uma nova escola no seio da velha sociedade, sem a preocupação de

organizar um trabalho revolucionário para transformar paulatinamente as estruturas sociais, é condenar esta escola ao fracasso. Bakunin afirma que:

Se no meio existente se conseguissem fundar escolas que dessem aos alunos instrução e uma educação tão perfeitas quanto é possível hoje imaginar, conseguiriam elas criar homens justos, livres e morais? Não, porque ao sair da escola se encontrariam numa sociedade que é dirigida por princípios absolutamente contrários a essa educação e a essa instrução e, como a sociedade é sempre mais forte que os indivíduos, não tardaria a dominá-los, isto é, desmoralizá-los. Mais ainda, a própria função de tais escolas é impossível no atual meio social. Porque a vida social abarca tudo, invade as escolas, as vidas das famílias e de todos os indivíduos que dela fazem parte. (Bakunin, apud Gallo, 1996).

Criar escolas em que as crianças vivam na mais absoluta liberdade é uma farsa, pois não é essa a situação que elas encontrarão no meio social; ao contrário, estarão imersas num meio em que ou são submetidas ou submetem, onde a liberdade é, portanto, impossível. Politicamente, assumir uma postura não-diretiva na educação significa deixar que a sociedade encarregue-se da formação política dos indivíduos. Todavia, sabemos que o indivíduo nunca deixa de ser suscetível às influências sociais.

Através destas afirmações, Bakunin procura mostrar que, apesar de ter uma participação fundamental no processo revolucionário, a escola não faz sozinha a revolução. A sociedade não é mecânica. Se existe exploração porque não há consciência, não basta que aos poucos eduquemos e conscientizemos as pessoas para que a sociedade se transforme.

Os caminhos sociais são mais complexos e imprevisíveis. A educação revolucionária e os trabalhos revolucionários de base devem ser articulados, processados simultaneamente, para que se possa ter esperanças de, aos poucos, conseguir dar alguns passos no sentido da revolução social que destruirá as bases da antiga sociedade.

Quando educamos para a liberdade e a igualdade, numa sociedade que é de exploração e desigual, já estamos dando o passo inicial para a revolução, já que estamos

iniciando um processo de mudança de consciências. Estamos permitindo que as pessoas vejam o mundo e a sociedade que as cerca de maneira diferente. E ver de outro modo é o caminho inicial para a transformação, pois não é possível transformar nada se todos enxergam da mesma maneira.

A proposta libertária de uma educação integral, fundada no princípio da autogestão, considera o homem como um ser complexo, integral, com direito à igualdade e à liberdade, o que gera necessariamente um confronto político com a sociedade capitalista, que funciona através da alienação.

A pedagogia anarquista elege como princípio político a autogestão, que está relacionado diretamente com o conceito de autonomia. A autogestão consiste na constituição de uma sociedade sem Estado, ou pelo menos numa sociedade na qual o Estado não esteja organicamente separado dela, como uma instância político-administrativa.

Uma educação anarquista só pode ser a luta contra essa alienação, buscando formar o homem completo, ao mesmo tempo em que confronta-se com o capitalismo, buscando estratégias políticas de transformação social. Tendo a autogestão operária como meio de criar novas formas de organização dos trabalhadores na gestão da produção e na vida social.

Entendendo a autogestão como a única forma de democracia efetiva, idealizam-na enquanto ação direta a partir de uma consciência de classe que visasse à emancipação dos trabalhadores.

Ao falarmos de educação libertária, não podemos nos esquecer, também, de Ferrer i Guardiola, educador espanhol. A escola moderna pensada por Ferrer i Guardia é laica, mista e aberta a todos os meios, sendo também racional e científica. Para ele, o ensino deve ser uma força a serviço da mudança:

Não tememos dizê-lo – escreverá em sua obra *A escola moderna* publicada após a sua morte - queremos homens capazes de evoluir intensamente, capazes de destruir, renovar constantemente os meios de suas vidas, e renovar-se a si mesmos; homens cuja independência

intelectual seja a força suprema; que nada apega; sempre dispostos a aceitar o melhor de sua vida; felizes com o triunfo das novas idéias; e aspiram a viver inumeráveis existências numa única vida. A sociedade teme tais homens; ela nunca aceitará uma educação que os produza (Ferrer i Guardia, apud Sáfon, 2003, p.15).

A escola racionalista, por ser laica, não é financiada pela Igreja e nem pelo Estado e por isso ela é paga conforme as possibilidades financeiras de cada aluno. Ferrer era preocupado com a difusão da cultura junto ao povo, e por isso acreditava que era necessário substituir o estudo dogmático pelo estudo racional, com base nas ciências naturais. Posteriormente estabelece um curso noturno e uma Universidade Popular.

Já a coeducação dos sexos tinha a finalidade de que tanto meninos e meninas “desenvolvessem a inteligência, purificassem o coração e fortificassem as vontades”.(La Escuela Moderna, p.30).

Francisco Ferrer, na Espanha, assim como Robin, na França, promove educação integral na escola moderna, onde existe um espaço amplo para as atividades físicas e manuais. O centro da educação racionalista era o desenvolvimento da aptidão individual de cada indivíduo.

A educação física compreendia três aspectos: ^muma educação recreativa e esportiva, uma educação manual e uma educação profissional.

O ensino racionalista não trabalha com o sistema de recompensas ou castigos, como na escola tradicional. É muito menos utiliza como meio avaliatórios, exames que possam discriminar ou taxar as crianças como capazes e fracassadas. Ferrer propõe aos pedagogos que se dediquem:

(...) a inspirar amor ao trabalho sem sanções arbitrarias, já existem sanções naturais e inevitáveis. Sobretudo, evitemos fornecer as crianças a noção de comparação e medidas entre os indivíduos porque, para que os homens apreciem e compreendam a diversidade infinita que existe de

caracteres e inteligências, é necessário evitar a figura da concepção imutável do *bom aluno*. (La Escuela Moderna, p.68).

A finalidade era de valorizar a cooperação em relação à competição, substituindo o egoísmo individual pela solidariedade. A educação racionalista ensina a “nada esperar de nenhum ser privilegiado (fictício ou real), porém podendo esperar tudo de si próprios e da solidariedade livremente aceita e organizada”. (La Escuela Moderna, p.75).

Ferrer acreditava que, para o aprendizado ser significativo, era necessário que houvesse uma relação afetiva com o saber:

Não se educa integralmente ao homem disciplinando sua inteligência, fazendo caso omissivo do coração e relegando a vontade. O homem, na unidade de seu funcionamento cerebral, é um complexo; que tem varias facetas fundamentais, é uma energia que vê, afeto que rechaça ou adere ao concebido e vontade que faz ato o percebido e amado [...] Faremos com que as representações intelectuais, que sugerem a ciência ao educando, sejam convertidas em um complexo de sentimentos, que ele intensamente as ame. Porque o sentimento, quando é forte, penetra e se difunde pelo mais fundo do organismo do homem, perfilando e colorindo o caráter das pessoas. (La escuela moderna, p.27-8).

Há também uma grande preocupação com a higiene, na medida em que a sujeira é causa de enfermidade, e há o perigo de infecção, de causar epidemia. Nesse sentido, a limpeza era vista como agente de saúde e a criança, aprendendo sobre ela, acabava influenciando a família, já que pedia para lavarem seus pés, para tomar banho, escovar os dentes...

A escola moderna tinha, como principio fundamental, a liberdade da criança; ela esforçava-se para respeitar seu movimento natural, sua espontaneidade, as características de sua personalidade; quer desenvolver sua independência, seu juízo, seu espírito crítico. Para

Ferrer, é preferível "a espontaneidade livre de uma criança que não sabe nada, à instrução de palavras e à deformação intelectual de uma criança que sofreu a educação atual".

Para Ferrer, o educador não tem o direito de violar a razão humana através da escola e nem lhe exige o direito de impor as suas idéias ou as suas predileções políticas ou sociológicas. Enfatizava que a educação era fundamental para a renovação social:

Hoje, nós nos dedicamos a que as crianças reflitam sobretudo sobre a injustiça social, as mentiras religiosas, governamentais, patrióticas, judiciárias, políticas e militares etc., a fim de preparar as mentalidades para a revolução social. Hoje, nós nos consagramos a despertar os espíritos para as idéias revolucionárias; depois, veremos. (Ferrer, apud Safón, 2003, p.28).

Segundo Tragtenberg (1990), Ciência, liberdade e solidariedade constituíam o ideário pedagógico de Ferrer. A escola Racionalista ou Moderna preocupava-se em desenvolver no aluno a análise crítica dos juízos, a valorização do pensamento científico, educando integralmente o homem, nos aspectos afetivo e racional. Para:

(...) demonstrar as crianças que enquanto um homem depender de um outro homem, os abusos, a tirania e a escravidão persistirão. Por consequência, estimular-se-á e dirigir-se-á as aptidões próprias de todo aluno, a fim de que com seu próprio e inteiro valor individual, ele seja, não apenas um membro útil à sociedade, mas enquanto consciência, também eleve o valor da sociedade. (Ferrer, apud Safón, 2003, p.17).

De acordo com Ferrer, uma escola burguesa, ou seja, que privilegia a classe dominante, não pode ser racional, na medida em que é exclusivista. E tende a ensinar a conservação de privilégios e vantagens. Já um ensino racionalista é capaz de levar à criança os conhecimentos e a educação que lhe permitem avaliar o mundo à sua volta, a sociedade que a encerra e os dogmas que a sufocam. Portanto:

(...) a coeducação de pobres e ricos, colocando uns em contato com os outros na inocente igualdade da infância, por meio da sistemática igualdade da escola racional, é essa a escola, boa, necessária e reparadora. (La Escuela Moderna p.36)

Segundo Tragtenberg (1990), Ferrer reconhece ter passado o tempo em que os governantes se opunham à educação das massas e aponta as razões econômicas desse liberalismo: as máquinas e o modo capitalista de produção exigem, no mínimo, operário alfabetizados. Os governantes estimularam a educação “não porque esperam pela educação a renovação social, mas porque necessitam de operários, instrumentos de trabalho mais aperfeiçoados para que se reproduzam as empresas industriais e os capitais nelas investidos”. (La Escuela Moderna, p.56).

A escola tradicional serve ao poder e como tal tende a reproduzi-lo, uma vez que os que detêm o poder saberão reorganizar a escola conforme os seus interesses, para que nada possa ameaçar sua supremacia. A instrução e o conhecimento, segundo Ferrer, de elementos de libertação na estrutura escolar atual transformam-se num poderoso meio de servidão nas mãos de quem detêm o poder.

Os professores se tornam instrumentos de reprodução, conscientes ou inconscientes, das vontades de quem está no poder, até porque eles próprios foram formados segundo os princípios dominantes. Para Ferrer, a educação chamada progressista não permite a criança buscar livremente a satisfação de suas necessidades físicas, morais e intelectuais, mas sim de “impor pensamentos pré-fabricados, torna-lá adaptativa ao mecanismo social”. (La Escuela Moderna, p.59).

A Escola Moderna constatou, a partir dos trabalhos de alunos, depois de três anos de atividades, que os estudantes pediam que desaparecesse da sociedade:

1. A coexistência entre pobres e ricos, a exploração de uns pelos outros.

2. O militarismo, meio de destruição utilizado por países contra outros países, resultado da má organização da sociedade.
3. O poder, que permite a alguns governar e comandar e a outros serem obrigados a submeter-se na humilhação.
4. O dinheiro, que torna ricos uns e pobres os outros.

As reflexões que aqui elaboramos, e que visam apresentar uma concepção de Educação integral relacionada à Educação libertária tem, como base, os fundamentos e práticas desenvolvidos por grandes pensadores e educadores anarquistas, como Bakunin, Paul Robin e Ferrer i Guardia.

No entanto, fica-nos uma questão: existem experiências educativas, hoje em dia que, de algum modo, reportam a essa concepção de educação, nos moldes anarquistas?

CAPÍTULO 2 – ESCOLA DA PONTE, ESCOLA LUMIAR: EXPERIÊNCIAS ANARQUISTAS?

Neste capítulo vou retratar duas escolas que ensinam com afetividade e principalmente onde o aluno é o principal condutor do processo de ensino-aprendizagem. Segundo Dimenstein (2004):

Os grandes inovadores do século XX – isso para não ir mais longe e voltar até a Grécia e Roma - pregavam a educação para a vida, propondo currículos e métodos voltados ao aprendizado com significado, numa ofensiva contra a ditadura curricular. Pregavam o foco no aluno, encarado não como espectador, mas na qualidade de ator. Viam o papel do professor como o de um facilitador de curiosidades, uma ponte para os alunos, ligando-os à vida e aos saberes das ciências, das artes, da filosofia, da história e da língua.(p.08)

Ensinar não é transferir conhecimento. A construção do conhecimento é um processo interativo, onde são estabelecidas relações entre as partes envolvidas. O ato de educar vai muito além da transmissão de conteúdos teóricos, já que o educador também ensina e apreende valores e comportamentos, compartilha experiências, que podem e devem contribuir para a constituição de uma sociedade mais justa, e principalmente onde o bem-estar coletivo predomine sobre o individual.

O objetivo da educação é ensinar a pensar, não simplesmente transmitir informações. Como afirma Pacheco: “(...) não passa de um grave equívoco a idéia de que se poderá construir uma sociedade de indivíduos personalizados, participantes e democráticos enquanto a escolaridade for concebida como um mero *adestramento cognitivo*”¹.

A mera transmissão de informações não leva o aluno ao objetivo real: aprender. Infelizmente a maioria das escolas ainda está vinculada a princípios que colocam como primordial a decodificação e a repetição de conteúdos, não tendo vínculos com o meio nem

¹ Trecho retirado de entrevista do Portal educacional. Disponível em: <<http://www.educacional.com.br>>

com a vida de seus educandos. Quando a criança aprende fazendo, ela apreende com significado.

Devemos dar mais importância ao sentir no processo educacional, uma vez que o conhecimento adquirido pelas outras gerações é importante, mas este já está nos livros, a escola deve ir além do que está nos livros precisa ensinar ao ser humano a adquirir sensibilidade. A sensibilidade nos dá razão para viver.

2.1. Escola da Ponte

A Escola da Ponte é uma instituição pública de ensino, localizada em Vila das Aves, Portugal. A Escola surgiu do desejo de se fazer uma escola que respeitasse as diferenças individuais e tratasse os alunos com amor.

A Escola tem como princípios norteadores: a liberdade, a responsabilidade e a solidariedade. Estes valores devem ser comuns a todos dentro e fora da Ponte, pois devem nortear a vida de cada integrante. Segundo Pacheco (2001):

(...) As nossas crianças não são educadas apenas para a autonomia, mas através dela, nas margens de uma liberdade matizada pela exigência da responsabilidade. Buscamos uma escola de cidadãos, indispensável ao entendimento e à prática da democracia. Procuramos, no mais ínfimo pormenor da relação educativa, formar o cidadão democrático e participativo, o cidadão sensível e solidário, o cidadão fraterno e tolerante. (p.109)

A Escola da Ponte leciona apenas o 1º e o 2º ciclos do ensino básico. A faixa etária dos alunos compreende aproximadamente dos 5 aos 13 anos de idade. Todavia há alguns alunos mais velhos, já que a escola trabalha com inclusão.

Na escola não há lugares fixos, não há salas de aula, divisões por turmas, escolaridade ou faixa etária. Os alunos formam grupos heterogêneos, o critério utilizado é o afetivo e escolhem suas áreas de interesse para pesquisar em grupo ou individualmente.

A alfabetização é de acordo com o método natural de Freinet. As crianças aprendem a ler naturalmente, como aprendem a falar e a escrever, e cada qual no seu próprio momento.

Com o tempo, adquirem autonomia na leitura e na escrita, aprendendo através de histórias e de frases construídas pelas crianças.

Os professores são especialistas, mas não lecionam uma disciplina específica, nem são encarregados de um grupo determinado, para que todos os alunos possam interagir entre si e com todos os educadores. Diferente das escolas tradicionais o educador lida com diversos assuntos e com alunos de diferentes idades. É fundamental que o educador tenha comprometimento com este modelo, já que ele está exposto ao risco de não saber, diferente do modelo tradicional que ele só ensina a matéria ou conteúdo que sabe.

Na escola da Ponte, os alunos decidem o que estudar através de projetos quinzenais. Existe uma sala onde ficam todos os conteúdos curriculares exigidos pelo Ministério da Educação, por estas diretrizes que eles escolhem os temas, uma vez que sabem que ao terminar ao ciclo devem saber tanto quanto os alunos das escolas tradicionais. Mas a forma como aprendem é totalmente diferente, é dinâmica, intensa, autônoma, incentivadora e motivadora.

O educador deve incentivar e ensinar os alunos a pesquisar e buscar o que lhes interessam. Tendo como objetivo a autonomia dos alunos. As tecnologias de informação e comunicação são mais um importante dispositivo pedagógico. Nos computadores, os alunos produzem textos, elaboram gráficos, desenham projetos. Na Internet, procuram e selecionam criticamente informação que, depois, tratam, reelaboram e comunicam aos outros.

Os professores percorrem os diferentes espaços de tempos a tempos, de maneira que possam trabalhar com todos os educandos. Todavia os projetos quinzenais são acompanhados pelo mesmo professor até o seu término, com a finalidade de saber se todos conseguiram alcançar os objetivos propostos e de assegurar a continuidade do trabalho. Utilizam outras ferramentas como a Internet e as bibliotecas para adquirirem conhecimentos para a execução dos projetos e podem também recorrer a outros professores.

Se após a pesquisa os alunos tiverem dúvida, eles podem se reunir diretamente com o professor mediante uma simples solicitação. O educador não será em qualquer momento um transmissor de conteúdos. Ele partirá do que já foi elaborado pelos alunos e os conduzirá, como um guia, um orientador à busca de soluções.

Ao selecionarem os projetos, os alunos se reúnem de acordo com o tema de interesse de cada indivíduo. Ao terminar a quinzena checam se conseguiram alcançar os objetivos e pedem para o professor avaliá-los caso acreditem tê-los alcançado. Caso contrário, reúnem-se novamente e dedicam-se mais ao tema.

É papel do professor colaborar para que o aluno transforme sua curiosidade em esforço cognitivo, ou seja, passando de um conhecimento fragmentado para um saber organizado. O ideal de educação é aquele que ao invés da mera transmissão de conteúdos que enchem os alunos de informações que talvez nunca precisem, ensine ao aluno aprender a aprender, ou seja, o conhecimento que tem haver com a sua realidade e que vai torná-lo um cidadão do mundo.

No projeto da Escola da Ponte é o sujeito que se constrói na atribuição de significado ao conhecimento coletivamente produzido. O currículo é o mesmo para todos os alunos, entretanto é desenvolvido de modo diferente por cada um, de acordo com as suas necessidades e desejos, até porque ensinar não é inculcar, transmitir, é fazer aprender. Segundo Rubem Alves (2001):

O conhecimento é uma árvore que cresce da vida. Sei que há escolas que têm boas intenções, e que se esforçam para que isso aconteça. Mas as suas boas intenções são abortadas porque são obrigadas a cumprir o programa. Programas são entidades abstratas, prontas, fixas, com uma ordem certa. Ignoram a experiência que a criança está vivendo. Ai tenta-se, inutilmente, produzir vida a partir dos programas. Mas não é possível, a partir da mesa de anatomia, fazer viver o cadáver. O que vi na Escola da Ponte é o conhecimento crescendo a partir das experiências vividas pelas crianças. (p.49)

A Ponte vai além do aprender a ler, escrever e contar, porque mais do que preparar para os exames, educar é ajudar os educandos a compreenderem o mundo. E envolvidos numa estrutura que propicia uma aprendizagem ativa, aprendem a ser pessoas e a verem os outros como pessoas, adquirem competências essenciais. Segundo Pacheco²:

² Trecho de entrevista, disponível em: <<http://www.escola2000.org.br>>

Aprenhem a ser autônomos, mas não a serem “umbiguistas”. Aprenhem que a sua liberdade começa onde começa a liberdade do outro. E sabem distinguir liberdade de libertinagem. As nossas crianças não são educadas apenas para a autonomia, mas através dela, nas margens de uma liberdade matizada pela exigência da responsabilidade. Buscamos uma escola de cidadãos indispensável ao entendimento e à prática da democracia. Procuramos, no mais ínfimo pormenor da relação educativa, formar o cidadão sensível e fraterno. Para exercer a solidariedade é necessário compreendê-la, vivê-la em todo e qualquer momento. Na Ponte, cada criança age como participante de um projeto de preparação para a cidadania no exercício da cidadania. O aluno sente-se participante e, também por essa razão, as aprendizagens que realiza são significativas e integradoras.

Os alunos da Ponte seguem o programa Nacional de Educação, sendo que não de maneira estanque como nas escolas tradicionais onde os conhecimentos são colocados um atrás do outro sem qualquer preocupação se o aluno está conseguindo acompanhar e se desenvolver. Como se fossemos objetos em uma linha de montagem. De acordo com Rubem Alves (2001):

Nossas escolas são construídas segundo o modelo das linhas de montagem. Escolas são fábricas organizadas para a produção de unidades bio-psicológicas móveis portadoras de conhecimentos e habilidades. Esses conhecimentos e habilidades são definidos exteriormente por agências governamentais a que se conferiu autoridade para isso. Os modelos estabelecidos por tais agências são obrigatórios, e têm a força de leis. Unidades bio-psicológicas móveis que, ao final do processo, não estejam de acordo com tais modelos são descartadas. É a sua igualdade que atesta a qualidade do processo. Não havendo passado o teste de qualidade-igualdade, elas não recebem os certificados de excelência ISO-12.000, vulgarmente denominados diplomas. As unidades bio-

psicológicas móveis são aquilo que vulgarmente recebe o nome de "alunos". (p.36)

Quando a escola cumpre um programa do princípio ao fim, não significa que ele tenha sido aprendido, geralmente é só cumprido formalmente, mesmo que os alunos tenham passado nas avaliações. Porque no momento em que fizeram o exame ainda recordavam o que haviam decorado, mas com o tempo irão esquecer toda a ciência que não foi aprendida a partir da experiência.

A escola da Ponte, como é hoje, foi sendo construída ao longo de trinta anos, para substituir o modelo tradicional, que só gerava insucesso, abandono e exclusão. A Ponte acolhia e ainda acolhe crianças com problemas sociais, rejeitados por outras escolas, seja porque repetiam muito de ano por dificuldades de aprendizagem ou pela sua indisciplina.

A escola da Ponte descentraliza o projeto educativo, ou seja, o professor deixa de ser a principal via de aprendizagem. Passando então a comunicar-se realmente com outros professores para que possam desenvolver projetos em comum.

Antes a Ponte funcionava como qualquer outra escola tradicional, o trabalho escolar era exclusivamente centrado no professor, que passava as mesmas lições para todos e que não tratava o aluno como ator do processo de ensino. Não havia reciprocidade. E, segundo Pacheco (2001):

(...) compreendemos que *precisávamos mais de interrogações que de certezas*. E empreendemos um caminho feito de alguns pequenos êxitos e de muitos erros, dos quais colhemos (e continuaremos a colher) ensinamentos, após termos definido a matriz axiológica de um projeto e objetivos que, ainda hoje, nos orientam: concretizar uma efetiva diversificação das aprendizagens tendo por referência uma política de direitos humanos que garantisse as mesmas oportunidades educacionais e de realização pessoal para todos, promover a autonomia e a solidariedade, operar transformações nas estruturas de comunicação e intensificar a colaboração entre instituições e agentes educativos focais.(p.98).

Hoje, os alunos reúnem-se semanalmente em assembleia para debater os problemas da escola e redigem seus direitos e deveres. Como afirma Ferreira (2001):

A Ponte é, desde logo, uma comunidade profundamente democrática e auto-regulada. Democrática, no sentido de que todos os seus membros concorrem genuinamente para a formação de uma vontade e de um saber coletivos – e de que não há, dentro dela territórios estanques, fechados ou hierarquicamente justapostos. Auto-regulada, no sentido de que as normas e regras próprias que decorrem da necessidade sentida por todos de agir e interagir de uma certa maneira, de acordo com uma ideia coletivamente apropriada e partilhada do que deve ser o viver e o conviver numa escola que se pretenda constituir como um ambiente amigável e solidário de aprendizagem (p.15).

Existe também uma comissão de ajuda que tem a função de resolver os problemas mais graves expostos na Assembleia. As decisões desta Comissão se guiam pelos nos Direitos e Deveres definidos pelos alunos, os quais se comprometeram a respeitá-los. A disciplina deve ser construída para que possa haver possibilidade de aprendizagem. Para a construção da disciplina é essencial que as regras sejam construídas de forma coletiva e democrática. Quando o aluno participa da dinâmica e da organização da escola, existe um elo que faz com que respeite as regras, já que ele sabe para que elas funcionam e concorda com elas.

Outros recursos muito interessantes da escola da Ponte são o: “Eu já sei” e “Eu preciso de ajuda”. O Eu Já Sei: faz parte do objetivo de desenvolver a autonomia dos alunos, partindo do processo de auto-avaliação. A criança então escreve seu nome numa lista, informando que já considera que aprendeu e está pronta para ser avaliada por um professor. Só então esta avaliação se processa.

Já no “Eu Preciso de Ajuda”: A criança é estimulada a buscar todas as fontes possíveis de informação que estão a seu alcance, antes de pedir ajuda. Esgotando suas possibilidades, a criança pode escrever seu nome numa das listas dispostas em diversos locais da escola. Posteriormente um professor organiza pequenos grupos de estudo para

esclarecer o assunto com quem tem dúvidas, ou ainda alguma criança que já sabe a ensina.

Portanto:

“Estou a escrever um texto para os miúdos” - foi o que ela disse. Na “Escola da Ponte” é assim. As crianças que sabem ensinam as crianças que não sabem. Isso não é exceção. É a rotina do dia a dia. A aprendizagem e o ensino são um empreendimento comunitário, uma expressão de solidariedade. Mais que aprender saberes, as crianças estão a aprender valores. A ética perpassa silenciosamente, sem explicações, as relações naquela sala imensa. (Rubem Alves, 2001, p.43).

A entidade tem também um contrato de autonomia inédito na rede educacional de Portugal. É a única escola pública que pode fazer sua própria seleção de professores.

No topo da hierarquia da escola não estão diretores, coordenadores e professores. Está o conselho de pais, responsável pelo que a Ponte é e será. No início de cada ano, todos os responsáveis pelos educandos participam do encontro de apresentação do Plano Anual. Ao longo do ano letivo, os projetos são avaliados mensalmente, com a contribuição de todos.

A escola da Ponte é um exemplo de escola pública de excelente qualidade, serve para nos mostrar que uma escola pública para todos não é incompatível com a garantia de qualidade.

2.2. Escola Lumiar

A escola Lumiar é uma instituição particular de ensino, criada em 2003, está localizada em São Paulo - Brasil. A escola tem como preceitos básicos: democracia e liberdade. Como nos afirma Semler (2004): “(...) se não houver liberdade para buscar suas próprias repostas, construir seu próprio conhecimento, a criança não vai a lugar nenhum”.(p.12).

A Lumiar oferece ensino formal para crianças e adolescentes, com base em uma gestão democrática, em que educadores, educandos e pais compartilham da responsabilidade pela comunidade escolar. Atende a diversas faixas etárias e acredita na

importância de se trabalhar com um grupo heterogêneo, já que tem como pressuposto a convivência entre pessoas de diversos grupos socioculturais.

Com a convivência de pessoas de diferentes idades, culturas e origens sociais, a Lumiar constrói o conhecimento sem hierarquias, concebendo as diferentes visões e tradições como patrimônios da humanidade. De maneira que todos possam valorizar e aprender com as diferenças.

A administração da escola é compartilhada igualmente por educadores e educandos. Toda semana é realizada uma assembléia em que são apresentadas propostas e são discutidos os problemas do dia-a-dia da Escola, onde cada criança tem o mesmo poder de voto de um adulto.

Os alunos da Lumiar se reúnem em pequenas assembléias para criar as "leis" da escola. A educação democrática enfatiza a participação dos educandos na elaboração de todas as decisões sobre a vida em comunidade e o respeito que eles têm que observar em relação a estas regras, para que adquiram o sentido de responsabilidade.

O projeto político-pedagógico da Lumiar está sempre sujeito a muitas transformações, uma vez que é construído coletivamente. A escola propicia liberdade para a comunidade escolar criar suas regras.

Na Lumiar, assim como na Escola da Ponte, o aluno é quem escolhe o seu currículo, ou seja, o que ele vai estudar. O conhecimento não é concebido como a reprodução de um conjunto de informações, mas como o resultado da interação entre educandos e educadores, todos são sujeitos do processo.

A idealização de que o professor é uma fonte que emana todo o saber serve para ele exercer uma liderança pautada na repressão, o que dificulta a aprendizagem, descaracteriza o processo de ensino, pois não é dual, e acaba imobilizando o desejo de aprender do aluno. Por isso o diálogo é fundamental para a resolução de problemas e para a construção do conhecimento.

O exercício do aprendizado não por coação, mas sim pela curiosidade é a única forma de respeitar o conhecimento e desenvolver nas crianças o gosto pelo saber. A idéia é criar um espaço no qual os alunos sejam protagonistas, escolhendo o que e quando estudar, guiados não por um currículo prefixado, mas pela curiosidade.

Os professores na Lumiar não têm planos de aula ou currículos pré-determinados a seguir, ele faz a sua aula de acordo com a curiosidade e interesse dos seus alunos. Para ser um professor da Lumiar é necessário ser especialista em alguma área de conhecimento e se mostrar apaixonado pelo que faz.

Na Lumiar não existem salas de aula, tarefas para casa, exames, tampouco separação por séries, faixa etária ou sexo. Assim como na Ponte os alunos se reúnem em grupos por afetividade ou por interesse em conhecimento. As aulas também não são divididas por disciplinas como na escola tradicional, a escola trabalha com projetos. A idéia norteadora é de produção coletiva e gestão democrática do conhecimento. O processo de aprendizado é vivido com grande prazer.

Os educadores acompanham cada criança de perto, com conversas diárias e observação, para saber como está sendo seu desenvolvimento. Como o aluno é livre para optar de que atividade quer participar, o educador precisa ficar atento às suas escolhas para saber qual conhecimento ele está adquirindo e como chamar a sua atenção para o que está faltando.

O educador está sempre disposto e atento aos seus educandos para orientá-los em cada um de seus itinerários. Na Lumiar, segundo Semler "As dimensões: racional, científica, sentimental, estética e sensorial integram, sem qualquer hierarquia. O conhecimento é concebido em sua dimensão histórica: inacabada e dinâmica".

O verdadeiro educador tem como concepção que o aluno é um ser ativo e tão participante do processo de conhecimento/aprendizagem quanto ele. Tem a consciência de que para que haja conhecimento ele deve ser construído socialmente, numa relação biunívoca, dialógica. É o que cria um vínculo de cooperação e de mutualidade. Portanto:

O conhecimento deve ser respeitado, o que significa que jamais pode ser utilizado como forma de punição ou de recompensa que se expressam nos sistemas de notas, graduações, tudo aquilo enfim que transforma o processo de conhecimento em um castigo, sofrimento, esforço, dor, obrigação. Ao contrário, o conhecimento é desejado e reconhecido como uma recompensa em si, bem como todos os trabalhos desenvolvidos pela

comunidade escolar e para ela. (Trecho retirado da Proposta Político Pedagógica da Escola Lumiar)³.

Os educadores compartilham seus saberes com os educandos. Não é transmissão de informação, nem de conhecimento, mas compartilham um saber-fazer. A intenção é que cada tema considerado necessário para a educação básica apareça de maneira criativa e estimulante. É ensinar de acordo com o interesse de cada aluno, possibilitando o prazer em aprender, não padronizar e selecionar como na escola tradicional. O Instituto Lumiar se encarrega de criar programas de aulas que despertem mais o interesse dos alunos.

O professor deve ter um comprometimento com a educação, um compromisso com seus alunos e com a realidade em que eles estão inseridos. Deve, principalmente, mostrar aos seus alunos uma postura crítico-reflexiva diante do cenário mundial, sem se tornar autoritário ou detentor do saber, pois o conhecimento deve ser construído coletivamente, porque afinal todos nós somos portadores do saber.

É com esta concepção democrática do conhecimento que se busca abranger a base comum estabelecida pelos Parâmetros Curriculares Nacionais, conferindo-lhe uma nova estrutura. No lugar de currículo, um mosaico que abrange as áreas do conhecimento exigidas pelo Ministério da Educação, ele é estruturado em quatro ciclos, com alternância regular de períodos de estudos, grupos não seriados, baseados no interesse e na competência de cada um.

A representação em Mosaico permite determinar a posição ocupada por um saber em um dado momento e os itinerários de aprendizagem possíveis para se ter acesso a este ou aquele saber. Permite ao educando elaborar suas estratégias de aprendizagem e reorientá-las.

Desta forma a organização curricular possibilita que se recupere no espaço escolar o interesse pela pesquisa e pela busca de informações seja: em museus, bibliotecas, na Internet e etc. Propicia também a integração de alunos de diferentes faixas etárias, desenvolvendo nos mais velhos o sentido de responsabilidade e cuidado pelos menores e nestes o estímulo trazido pelos desafios da convivência com os mais velhos.

³ A Proposta Político Pedagógica da Escola Lumiar encontra-se disponível em: <www.lumiar.org.br>

A Lumiar tem como objetivo: oferecer aos jovens de todas as classes sociais condições para que se tornem cidadãos, participantes ativos e responsáveis por suas ações e capazes de determinar o curso e a dimensão de suas atividades.

Toda proposta educacional tem como objetivo a formação de indivíduos autônomos. Entretanto, raramente os educandos são realmente exercitados para esta autonomia. Na escola democrática, os educandos *organizam seu cotidiano e planejam seu aprendizado desde os quatro anos de idade, de maneira que adquirirem um sentido real de responsabilidade por suas escolhas e decisões individuais, valorizando o comportamento ético.* De acordo com Semler:

O comportamento ético e os valores democráticos só podem ser desenvolvidos se forem praticados no dia a dia. Traduzir valores democráticos em conteúdos temáticos de currículos rígidos e compulsórios é inútil e até mesmo contraproducente. A democracia precisa ser vivida. É importante a participação dos educandos em todas as decisões relativas ao cotidiano escolar. É participando que se aprende a questionar, desenvolver argumentações, formar alianças, ceder e convencer. É, sobretudo, vivendo a possibilidade real de realizar sugestões que se aprende a valorizar a participação nas instâncias de decisão e a responsabilidade comunitária. (Trecho retirado da Proposta Político Pedagógica da Escola Lumiar)⁴.

A Lumiar constitui-se em um espaço de produção do conhecimento, onde conhecer não é ter erudição, mas posicionar-se diante dos fatos, de maneira livre e criativa, reinterpretá-los segundo as suas experiências intelectuais (racionais, estéticas, sentimentais, políticas) ou mesmo invalidá-los parcialmente. O objetivo da Lumiar é estimular e ajudar a desenvolver o conhecimento, e não passar informações, até porque estamos cercados de informações em tempo real, através da Internet, da televisão, etc. Todavia ter conhecimento não significa ter uma grande quantidade de informações, mas saber usá-las e interpretá-las.

Será que a escola tradicional que mantém seus alunos limitados às relações de suas salas de aula é melhor do que uma escola sem salas de aulas que tem o aluno como sujeito

⁴ A Proposta Político Pedagógica da Escola Lumiar encontra-se disponível em: <www.lumiar.org.br>

do processo de ensino aprendizagem? Será que as escolas democráticas, que ao invés de transferir conhecimentos constrói com seus alunos, não seriam um novo caminho para a crise do ensino na era da informação?

Essas duas experiências educativas – Escola da Ponte e Lumiar – nos remetem aos princípios anarquistas de autonomia, conquista da liberdade, solidariedade, desenvolvimento do ser humano em suas dimensões física e intelectual, entre outros.

Na Lumiar e na escola da Ponte diferente das escolas tradicionais não existe uma hierarquia, onde o aluno é sempre o que tem menos representatividade e poder. Nessas duas escolas os educandos participam diretamente nos processos decisórios, com o mesmo poder de educadores e diretores. Existe também uma presença marcante da comunidade na construção do projeto político pedagógico e também nas suas mudanças. Essa igualdade dentro da escola, já acontecia no orfanato de Cempuis:

A organização da escola de Cempuis procurava colocar todos os membros da comunidade, professores, alunos, direção funcionários, em um plano de igualdade: todos deviam respeitar a todos, e a liberdade de cada um era considerada fundamental para o bom desenvolvimento dos estudos. O relacionamento entre professor e aluno era baseado na discussão e na pergunta, procurando fazer com que a criança desenvolvesse seu espírito crítico e sua autonomia, e nunca a submissão e o silêncio. (Gallo, 1995, p.122).

Os anarquistas sabiam que a autoridade utilizada no ensino tradicional afastava o aluno do processo educativo. Para os teóricos e educadores anarquistas a educação é a possibilidade dos homens se tornarem iguais, no sentido de que todos nascem iguais, entretanto sem conhecimento o ser humano se torna oprimido, partindo-se do princípio de que aquele que sabe mais domina o que sabe menos.

A educação servia de ferramenta para o ser humano se libertar da opressão, por isso o processo educativo não poderia se basear em um processo hierárquico, pois estariam reproduzindo a sociedade dentro da escola, entre opressores e oprimidos. Por conseguinte a liberdade deveria ser construída, segundo Gallo:

(...) a construção de uma sociedade solidária passa também pela construção social da liberdade. Essa construção aparece, pois, como a tarefa primeira da educação libertária, e as relações entre os membros da comunidade escolar, principalmente a relação professor aluno, são o seu principal caminho; ao instaurar liberdade nas relações de ensino, a pedagogia libertária opõe-se frontalmente ao ensino tradicional, autoritário por excelência. (p.164-165)

A Escola da Ponte, assim como a Escola Lumiar, também não tem exames ou processos avaliatórios, princípios também presentes na escola Moderna, de Ferrer i Guardia. Todas estas escolas seguem o princípio de que o educando só aprenderá realmente quando há um sentido. Sabem que a construção do conhecimento é um processo interativo, onde existe uma relação de troca de idéias, opiniões, crenças, hábitos e concepções de mundo.

Na escola moderna de Ferrer i Guardia², a espontaneidade da criança era respeitada e tinha como pressuposto desenvolver sua autonomia, seu juízo crítico. Assim como, nas experiências educativas atuais da Ponte e da Lumiar. Não há imposição de “pensamentos pré-fabricados”.

Em Cempuis as crianças já aprendiam a ler e a escrever de maneira lúdica, através de uma variedade de jogos com palavras e imagens. A alfabetização também ocorre de maneira lúdica na escola da Ponte e na Lumiar, a primeira utiliza o método natural de Freinet e a segunda se baseia no construtivismo de Emília Ferrero e nas práticas de Montessori.

A escola da Ponte e a Lumiar dão um grande valor às expressões artísticas no processo de ensino – aprendizado. A valorização da arte e todas as suas formas de expressão já acontecia no Orfanato de Cempuis, Robin:

(...) procurava trabalhar com múltiplas atividades artísticas, como música, dança, escultura, pintura, literatura etc., não apenas para desenvolver o gosto pela educação e pela apreciação da arte, mas para – além do desenvolvimento do prazer estético – exercitar as percepções sensitivas e as habilidades manuais e corporais. (Gallo, 1995, p.112).

Os anarquistas trabalhavam primordialmente com a criatividade da criança, através de teatro e de outras atividades artísticas com o intuito de desenvolver os sentidos, as percepções. Contrapunham-se a escola burguesa oficial que era baseada na imobilidade da criança. Conforme Gallo (1995):

"(...) uma educação para a liberdade, na perspectiva anarquista, deve ser também uma educação integral, através da qual o homem se conheça e se perceba em todas as suas facetas e características". (p.79)

Nesse sentido, acreditamos que tanto nas experiências anarquistas como nas Escolas da Ponte e Lumiar encontramos valores que tratam o educando como um ser dotado de potenciais que devem ser desenvolvidos em todas as suas facetas, com a intenção de torná-lo antes de tudo livre, porque é possuidor de conhecimentos, e com isso autônomo, o que implica numa responsabilidade para com os demais. A solidariedade é um dos valores mais importantes encontrado nessas experiências educativas, porque tem o intuito de que o bem-estar coletivo possa predominar sobre o individual, contribuindo para a constituição de uma sociedade mais justa. Portanto:

Este é o sentido da educação anarquista no seio da sociedade capitalista: a criação de indivíduos críticos, conscientes e criativos, abertos para a amplitude social e, mais do que isso, em perfeita relação com ela. (p.174-175).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os anarquistas tinham como princípio estabelecer uma nova ordem social, onde todos pudessem ter liberdade, já que para eles a liberdade só poderia existir a partir do momento em que todos fossem livres, ou seja, não poderia haver nem repressores nem reprimidos e para isso deveria ser estabelecido um meio de reverter o processo de desigualdade social. Foi assim que a educação foi tida como uma grande possibilidade de revolução social, mas não o único caminho a ser percorrido.

Os teóricos e educadores anarquistas desenvolveram, como pudemos observar neste estudo descritivo, além de teorias, escolas que funcionavam dentro dos seus princípios, entre elas a Escola Moderna de Ferrer e o Orfanato de Cempuis de Robin. Estas escolas influenciaram a Pedagogia, que incorporou alguns de seus princípios como: a co-educação de classes sociais e dos sexos, o ensino laico, livre de preconceitos e de dogmas. Como nos afirma Gallo (2002):

Uma educação contemporânea comprometida com a transformação de valores, com a construção da liberdade, da autonomia, da solidariedade, com a formação de seres humanos plenos, saudáveis conscientes e ativos tem muito a resgatar da educação integral em moldes anarquistas. (p.39).

Os anarquistas não só se preocupavam com o ensino formal, mas também com o informal que acontece pelo conjunto social, e por isso realizaram diversas ações culturais por meios como o teatro, a imprensa, e também através dos sindicatos, onde instruíam e alfabetizavam os trabalhadores.

A principal acusação dos anarquistas à educação oficial era o caráter ideológico da educação burguesa, que reproduzia a estrutura capitalista, semeando a desigualdade e perpetuando o sistema dual, separando o trabalho científico do trabalho manual, dividindo a sociedade em exploradores e explorados. Denunciavam essa aparente neutralidade do sistema e para isso utilizavam a educação.

Defendiam uma educação que tem como eixo norteador a liberdade. Encaravam a liberdade como um processo que deveria ser construído coletivamente e que só teria sentido

se todos fossem livres. Para tal, deveriam desconstruir paulatinamente o princípio de autoridade e qualquer tipo de hierarquia. A educação anarquista, como outra qualquer, não é neutra, uma vez que toda educação é um processo ideológico e se fundamenta numa concepção de homem e de sociedade.

A educação é necessária para a transmissão de conhecimentos da humanidade, mas é essencial para promover e garantir a cidadania. A nossa Constituição Federal no seu artigo 205 afirma que:

A Educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

Para assegurarmos o pleno desenvolvimento da pessoa, ou seja, do educando dentro processo educativo e seu preparo para o exercício da cidadania devemos contemplar o aluno como um ser que têm diversas habilidades, devemos percebê-lo em todas as suas dimensões, visando além do desenvolvimento cognitivo, o motor, o afetivo e o social. Ampliando desta forma a responsabilidade da Educação, tendo como foco o ser humano em sua integralidade.

Preparar para o exercício da cidadania é primordialmente despertar nos alunos à consciência de seus direitos e deveres, possibilitar o acesso à informação, permitir e incentivar a manifestação de seus ideais e pensamentos, promovendo a busca pela autonomia e responsabilidade, agindo sempre de maneira democrática, promovendo um ensino de para todos, sem distinção e de maneira qualitativa.

A educação se inscreve como um requisito indispensável para garantir cidadania e como condição central para que uma sociedade possa construir um projeto político, econômico e social que garanta uma vida de respeito e dignidade a seus membros.

Contudo sabemos que estamos muito longe de promover oportunidades iguais para todos, especialmente oportunidades educacionais que englobem toda sociedade, que permitam ao aluno realmente aprender e se desenvolver como cidadão ativo.

Já observei diversas escolas tradicionais durante a graduação, e numa dessas observações pude acompanhar o cotidiano do CIEP Oswald de Andrade⁵, e realmente em comparação com escolas de tempo parcial, ele realiza um excelente trabalho, pois tem diversas atividades que tem como objetivo desenvolver as potencialidades dos seus educandos, reconhecendo o aluno em sua singularidade e universalidade, o que se torna muito difícil de se realizar dentro de uma escola de educação convencional.

E as necessidades que a escola convencional deveria atender e não consegue são: a promoção de uma educação com qualidade e integral, no sentido de que mais do que as disciplinas curriculares, como: matemática, geografia, língua portuguesa, entre outras, a escola possa oferecer esportes, lazer, acesso à leitura, a arte, cultura de maneira ampla. Possibilitando a formação de cidadãos, já que questiona o mundo e a forma de agir sobre ele, e está vinculada a realidade social de seus educandos.

O anarquismo indubitavelmente contribuiu e propôs uma educação de qualidade e que valoriza o ser humano em todos os seus aspectos. A grande diferença da educação anarquista para as escolas democrática atuais, como por exemplo, a Escola da Ponte é que apesar de ter como qualquer instituição educativa um processo ideológico, e por isso político, ela não tem a intenção de modificar a estrutura capitalista, ela quer promover uma transformação social, mas não uma revolução social.

Acredito que a transformação social é possível, ou pelo menos a redução das diferenças sociais. Creio que assim como reza a Constituição Federal brasileira todos devem ter direito à educação e para promover a cidadania, ela deve ser de qualidade. O CIEP promove um ensino de qualidade, mas as experiências educativas da Escola da Ponte e da Lumiar se aproximam muito mais de uma educação dinâmica e autônoma e estão muito mais próximas das concepções anarquistas.

Estamos na era da informação, onde a velocidade das informações é intensa, somos bombardeados de notícias em tempo-real através da Internet, da televisão e de todos os meios de comunicação. O mundo cada vez mais avança, mas a escola não muda continua arraigada a conteúdos curriculares que não permeiam a vida dos alunos, que são

⁵ Observação realizada durante dois dias, no período de 29/11 à 30/11 de 2005.
O CIEP é municipal e fica localizado na Praça Zelma Pereira Paz, s/n – Anchieta – Rio de Janeiro – Brasil.

fragmentados e estanques, que morrem em si mesmos sem utilidade prática. Conforme Rubem Alves (2001):

(...) os programas de aprendizagem a que nossas crianças e adolescentes têm de se submeter nas escolas são iguais à aprendizagem de receitas que não vão ser feitas. Receitas aprendidas sem que se vá fazer o prato são logo esquecidas. A memória é um escorredor de macarrão. O escorredor de macarrão existe para deixar passar o que não vai ser usado: passa a água, fica o macarrão. Essa é a razão por que os estudantes esquecem logo o que são forçados a estudar. Não por falta de memória. Mas porque sua memória funciona bem: não sei para que serve; deixo passar... (p.58)

Por isso que a Escola da Ponte e a Escola Lumiar ensinam através de projetos, sem se preocupar com divisões por série e muito menos de conteúdos curriculares. Elas seguem os parâmetros do Ministério da Educação, mas de maneira integradora, onde o conhecimento é construído e por isso tem significado.

Se a educação fosse só para transmitir informações não seria mais necessário ir às escolas, todos ficariam em casa recebendo as informações virtuais. Segundo Cavaliere (1996) "ocorre um questionamento sobre a capacidade da escola, em seu formato atual, de competir com os demais meios de informação e comunicação".

Creio que a escola tradicional que mantém seus alunos "guardados" dentro da sala de aula, como se a escola fosse um local em que as crianças devam passar seu tempo até se tornarem adultas, onde não há uma relação dialógica, só funciona para transmitir informações, que devem ser memorizadas para os alunos serem submetidos a exames não deveria ter o mérito de ser chamada de escola. Não podemos ver o aluno, como a - sem e luno - luz, aquele que não tem luz, não tem saber.

É fundamental que na escola tanto educadores e educandos sejam encarados como sujeitos do processo de aprender. É necessário que na escola exista afetividade, solidariedade e liberdade para que realmente o aluno possa se tornar um cidadão crítico, autônomo e responsável.

Enfim, independente de ter ou não salas de aula, acredito que cabe a educação e a nós educadores contribuirmos mais do que para reprodução, para a inserção social, para transmitir valores que contribuam para uma formação voltada para o respeito dos direitos humanos, onde as diferenças não sejam vistas como defeito, mas como particularidades de cada cultura. Se nós, educadores e futuros educadores, não acreditarmos na crença de que podemos ajudar a constituir um mundo com menos contrastes e injustiças sociais, a quem vai caber esta tarefa?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Rubem. **A escola que sempre sonhei sem imaginar que pudesse existir.** Campinas, SP: Papirus, 2001.

CAVALIERE, Ana Maria Villela. **Uma escola para a modernidade em crise: considerações sobre a ampliação das funções da escola fundamental.** Campinas, Papirus, 1999.

COELHO, Lígia Martha C. da Costa e CAVALIERE, Ana Maria Villela. **Educação brasileira e(m) tempo integral.** Petrópolis, Vozes, 2002.

COELHO, Lígia Martha C. da Costa. **Educação Integral: Concepções e práticas na educação fundamental.** 27ª Reunião Anual do ANPEd, Caxambu, 2004

CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL DE 1988, Capítulo III- Da educação, da cultura e do Desporto – Seção da Educação, artigo 205.

ESCOLA DA PONTE- Disponível em: < www.eb1-ponte-nl.rcts.pt/ >
Acesso em: 08/12/2006

Disponível em: < <http://www.educacional.com.br/> >
Acesso em 08/12/2006

Disponível em: < <http://www.escola2000.org.br/> >
Acesso em: 08/12/2006

ESCOLA LUMIAR. Disponível em: < www.lumiar.org.br/ >
Acesso em 06/12/2006.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia – Saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GALLO, Silvío. **Pedagogia do risco: experiências anarquistas em educação.** Campinas, SP: Papirus, 1995.

GALLO, Silvio. **Pedagogia Libertária: Princípios políticos-filosóficos**. PEV, Maria Oly. (Org.) Rio de Janeiro / Florianópolis: Achiamé / Movimento, 1996.

GALLO, Silvio. **O paradigma anarquista em educação**. Artigo publicado em Nuances – Revista do curso de Pedagogia, Presidente prudente: FCT UNESP, nº 2, 1996.

KASSICK, Neiva. **Revista Utopia Nº5 - Portugal**, Neiva Beron Kassick e Clovis Nicanor. Disponível em: <<http://jlimarocha.sites.uol.com.br/textos.htm>> Acesso em: 15/10/2006.

MORYIÓN, Félix Garcia (org). **Educação libertária**. Porto Alegre, Artes Médicas, 1989.

SAFÓN, Ramon. **O racionalismo combatente: Francisco Ferrer y Guardiã**. Editora Imaginário, 2003.

SEMLER, Ricardo. **Escola sem sala de aula**. Campinas, SP: Papirus, 2004.

^{EN}
TRAGTAMBERG, Mauricio. **Sobre a educação, política e sindicalismo**. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1990.



UNIRIO

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS

ESCOLA DE EDUCAÇÃO

DEPARTAMENTO DE DIDÁTICA

DISCIPLINA : MONOGRAFIA II

ALUNO(A): Danielle Amaral da Silva

TÍTULO DO TRABALHO MONOGRÁFICO: Educação Integral e

Anarquismo: concepções e práticas.

ORIENTADOR: Luígia Martha

FICHA DE AVALIAÇÃO FINAL

Primeiro avaliador

Professor convidado:

Ângela M^a Souza Martins

Nota: 10,0 (dez)

Considerações:

A monografia de Danielli apresenta uma ótima fundamentação teórica, com argumentos bem estruturados, o que a possibilita analisar, com propriedade, a educação integral nas escolas que promovem uma educação libertadora. Mas segundo que na parágrafo 3, na primeira linha, escreve "socialismo marxista" e na parágrafo 7, tese de Rousseau e não "teses pratinvintas". Pela excelência do trabalho completo, lhe nota 10,0 (dez). All



UNIRIO

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS

ESCOLA DE EDUCAÇÃO

DEPARTAMENTO DE DIDÁTICA

DISCIPLINA : MONOGRAFIA II

ALUNO(A): Danielle Amaral da Silva

TÍTULO DO TRABALHO MONOGRÁFICO : Educação Integral e
Anarquismo: concepções e práticas

ORIENTADOR: Lígia Martha

FICHA DE AVALIAÇÃO FINAL

Segundo avaliador

Professor orientador: Lígia Martha Coelho

Nota : 9,0

Considerações:

O estudo é descritivo, apresentando alguma reflexão crítica.
Carece de aprofundamento, o que não foi possível, devido ao pouco tempo para a realização da monografia.
Nesse sentido, a aluna está de parabéns, pelo trabalho que conseguiu apresentar!

Lígia



UNIRIO

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS

ESCOLA DE EDUCAÇÃO

DEPARTAMENTO DE DIDÁTICA

DISCIPLINA : MONOGRAFIA II

ALUNO(A) : Danielle Amaral da Silva

TÍTULO DO TRABALHO MONOGRÁFICO : Educação Integral e Anarquismo: concepções e práticas.

ORIENTADOR : Lígia Martha

FICHA DE AVALIAÇÃO FINAL

Terceiro avaliador

Professor da disciplina : Lígia Martha Coelho

Nota : 9,5

Considerações:

Contém os principais elementos de uma monografia. As referências possuem problemas de digitação, e a introdução começa de elementos como, por exemplo, o problema.

Nota Final: 9,5

LM